

MÃO NA MASSA: O PROTAGONISMO JUVENIL ATRAVÉS DA PRODUÇÃO DE DOCUMENTÁRIOS

Genilson Alves Marques¹

INTRODUÇÃO

Hoje o ensino conteudista, embasado principalmente na comunicação de conteúdos para os educandos, já está obsoleto. O mundo mudou demasiadamente nas últimas décadas e agora a educação precisa reconduzir as mudanças para efetivar seu papel na sociedade.

Muito mais do que acumular informações, o estudante precisa cada vez mais reconhecer-se em seu contexto histórico e cultural, comunicar-se, ser criativo, crítico, aberto ao novo, colaborativo e responsável. Isso requer o desenvolvimento de competências para aprender a aprender, saber lidar com a informação cada vez mais abundante na cultura digital e ser proativo para identificar problemas e buscar soluções.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) salvaguarda a aplicação dos conhecimentos na vida real, a importância do contexto para dar sentido ao que se aprende e o protagonismo do estudante, tanto em sua aprendizagem quanto na construção de seu projeto de vida (BRASIL, 2018). O protagonismo pode ser entendido como a capacidade de enxergar-se como agente principal da própria vida, responsabilizando-se por suas atitudes, distinguindo as suas ações das dos outros e expressando iniciativa e autoconfiança. O aluno protagonista acredita que pode aprender e encontrar as melhores formas de fazer isso, não apenas individualmente, mas atuando de forma colaborativa e participativa no contexto escolar.

O mundo passa por mudanças estruturais bastante significativas. Os tempos atuais são complexos e exigem análises profundas e reflexivas. Deparamo-nos com alterações tanto na esfera econômica quanto nas áreas sociais e políticas. A História é traçada dia a dia, hora a hora, e as consequências nem sempre condizem com as expectativas mais democráticas. Além de fugir do lugar comum, os caminhos trilhados pelos homens, sujeitos da História, não são lineares.

Transportar ao Ensino Médio a necessidade de um estudo ativo da História não é tarefa fácil. No projeto apresentado neste artigo, pretende-se defender a ideia do protagonismo

¹ Graduado em Bacharelado e Licenciatura em História pela Universidade Católica do Salvador. Especialista em História do Brasil pela Universidade Cândido Mendes. Professor há dez anos na Secretaria de Estado de Educação e Qualidade de Ensino do Amazonas – SEDUC – Amazonas, genilsonmarques@hotmail.com.

cidadão do discente frente aos conteúdos históricos, desconstruindo falas e conceitos prontos, repetidos à exaustão na escola. As práticas e as reflexões obtidas nas experiências com as aulas ministradas no Novo Ensino Médio na Escola Estadual Professora Alice Salerno Gomes de Lima possibilitarão vinculação interdisciplinar com outros conteúdos e áreas e serão consideradas como facilitadoras para este processo.

Estamos observando uma mudança de referência educativa. A introdução de novas tecnologias nas aulas está alterando as formas de ensinar e conduzir conhecimentos, assim como o modo em que os educandos utilizam os conteúdos e os manuseiam em sua vida diária. É indispensável, portanto, equipar essas novas tecnologias da informação e comunicação (TICs) de um papel concreto na educação com propostas de inserção em atividades para trabalhar o protagonismo juvenil cuja construção, no âmbito deste projeto, será efetivada por meio da utilização de ferramentas audiovisuais.

O documentário aborda temas com historicidades, biográficos e sociais. Para a maioria dos documentaristas, essa é uma categoria que dá voz a outras vozes, pois ao criarem o roteiro os mesmos descrevem ou interpretam o mundo da experiência coletiva a partir da fala de entrevistados que contam fatos da realidade da qual participam ou não. O registro possui uma divisão estrutural basicamente fracionada em início (o tema, o problema das pessoas envolvidas e da conjuntura retratada), meio (com um aperfeiçoamento das informações, dos contextos, dos personagens e dos fatos apresentados) e fim (resultado da resposta do conflito abordado nas outras partes). Logo, o processo de produção vai desde a pesquisa, passando pela coleta das informações (entrevistas, documentos, fatos etc.), pela elaboração do roteiro até a sua concretização por meio da edição das imagens. Isso possibilitará conhecer uma proposta concreta de trabalho dentro da didática das ciências humanas, cuja aplicação irá gerar aspectos muito positivos.

METODOLOGIA

Para Bergala (2007, p. 132), o ato de criação cinematográfico se divide em três operações mentais simples: a escolha, a provisão e o ataque. Esses três atos não correspondem a momentos específicos nem cronológicos da produção, mas se combinam em cada momento desta:

- Escolher - eleger algumas coisas dentro de muitas possibilidades;
- Disposição - situar as coisas umas em relação as outras;

- Atacar - decidir os ângulos ou o ponto de ataque sobre as escolhas eleitas e dispostas.

Para realizar a atividade, os alunos são divididos em vários grupos de trabalho organizados por eles mesmos, mas levando em conta a distribuição da carga de trabalho entre todos os membros, evitando, dessa maneira, cargas de trabalho desproporcionais tanto individualmente quanto coletivamente. Após algumas seções teóricas, quando se introduz o documentário apresentando suas características e técnicas de produção, os diferentes grupos passam a formalizar o trabalho e o docente passa a adotar um papel de guia ou mentor no processo de aprendizagem. A interação entre os alunos e o professor se produz durante as aulas, especialmente na pré-produção e pós-produção.

O professor, durante todo o processo, possui o papel de intermediador no processo de aprendizagem dos estudantes. No início do curso, apresenta os paradigmas, fundamentos e conceitos básicos do assunto, e, a partir daí, torna-se um facilitador ou conselheiro, orientando os alunos a atingir os seus objetivos, fazendo perguntas e incentivando-os a analisar, sintetizar e refletir sobre o documentário que está sendo produzido e a sua aprendizagem. Finalmente, os alunos expõem os resultados da aprendizagem nas últimas sessões do curso e a avaliação dos vídeos é feita pelo professor – podendo ter ou não a participação dos alunos – analisando aspectos funcionais, técnicos e pedagógicos, utilizando critérios que serão expostos ao longo deste projeto.

REFERENCIAL TEÓRICO

Na atualidade, as tecnologias estão cada vez mais presentes na vida e no cotidiano de todos, e é natural que as TICs sejam utilizadas para a mesma finalidade de tempos passados: aprimorar o processo de ensino-aprendizagem, estimulando a curiosidade, a inventividade e a colaboração entre os alunos.

Segundo Navarro (2014, p. 68), a apuração por novas maneiras de transmitir o conhecimento não é nova, a diferença são os instrumentos que podem ser utilizados em cada período de acordo com as ferramentas disponíveis. Dessa forma, o uso das TICs nas escolas não deve ser visto como a resolução de todas as problemáticas da educação, ela deve ser utilizada como um utensílio disponível para que os professores atuem para vivificar seus educandos na difícil tarefa da (compreensão) aprendizagem.

Ambros e Breu (2011, p. 23) chamam a atenção sobre o ímpeto atual com as

tecnologias educativas, que muitas vezes nos levam a um excesso de apreço pelo desenvolvimento tecnológico. Os autores alertam para o fato de que estamos rodeados de dispositivos audiovisuais, que sabemos ligar, desligar e escrever mensagem, entretanto, não sabemos ler explicitamente um anúncio na TV ou em uma revista. Os educadores devem ensinar que os meios de comunicação desempenham um papel importante em nossas vidas e é essencial compreendê-los e estudá-los. Sobre isso, Miguel (2013, p. 29) adverte que não tem sentido manter uma “escola analógica” quando a sociedade é digital. Em um contexto no qual ensinamos aos nativos digitais em uma sociedade em rede, é urgente nos apropriarmos das enormes possibilidades das tecnologias disponíveis.

O escritor norte-americano Mark Prensky escreveu em 2001 um artigo chamado “Nativos digitais, imigrantes digitais”, no qual argumenta a tese de que os estudantes de hoje nasceram em um mundo digital, sendo, por consequência, nativos digitais, e os nascidos em anos anteriores seriam os imigrantes digitais. Segundo Prensky (2001), um nativo digital é alguém que cresceu em íntimo contato com a tecnologia (computadores, internet, telefones celulares, MP3), ao passo que um imigrante digital é uma pessoa que cresceu sem a tecnologia digital e a adotou mais tarde.

A escola consiste em um dos espaços privilegiados para o processo de aprendizagem de formas e mecanismos de participação. O presente artigo discutiu a importância de provocar e propiciar a autonomia e o protagonismo dos jovens educandos nesse espaço. É papel da escola, como um todo, priorizar a participação dos jovens e informar/evidenciar a existência e os exemplos dessa prática ao longo do tempo em nossa sociedade.

RESULTADOS ESPERADOS

No projeto a ser desenvolvido na escola, podemos afirmar que professor e aluno serão ativos para conseguir atingir as metas que devem alcançar para a produção dos documentários, ou seja, devem estar claros os pontos de partida e de chegada para todos que conseguiram perceber sua trajetória de participação ao longo do projeto. A produção de documentários com acessibilidade midiática na escola resultará num material didático rico para a discussão da inclusão e de problemas sociais, o que levará os alunos a se colocarem no lugar do outro.

O que se espera deste projeto é levar os alunos a terem conhecimento de todo o processo de produção, desde a escolha de um roteiro até o filme chegar às telas, para

perceberem o cinema como uma fábrica de histórias, que podem ser verdadeiras ou não, retratadas de forma fiel ou distorcidas, de acordo com quem está produzindo, a época e a política vigente. Assim como a resolução de questões cotidianas e a capacidade crítico-reflexiva dos estudantes, permitindo considerar que potencializarão o protagonismo juvenil.

Tomando Morán (1995) como referência, é possível perceber a importância do vídeo como recurso pedagógico. Por meio dessa mídia, a escola pode contribuir para alargar o repertório de aprendizagem dos alunos, seja apenas reproduzindo um filme como forma de sensibilização, seja estimulando a expressão a partir da produção.

Empregar as tecnologias dentro da sala de aula não deve ser um impedimento: cabe ao educador orientar o processo no que diz respeito ao conhecimento científico a ser abordado. Para os educandos, esse tipo de atividade representa o desafio de construir novas maneiras de aprender com a utilização dos recursos tecnológicos disponíveis. Eles, nativos digitais, certamente, terão bastante destreza e interesse ao serem desafiados a partir de uma intervenção inovadora e diferenciada.

O uso extensivo e intensivo de soluções completas com TICs são essenciais para o aumento da competitividade de todos os setores produtivos e para a massificação dos serviços essenciais de competência do Estado.

A proposta proporcionará uma experiência ímpar aos alunos que dela participarem, pois todos poderão se sentir como produtores de cultura. Talvez essa seja a principal função das tecnologias na escola: provar ao aluno que ele não é apenas um receptor, mas sim um construtor de diversos saberes. É fundamental que o professor considere seus alunos, os nativos digitais, como jovens conscientes e críticos, que precisam ser protagonistas na construção do próprio conhecimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Finalizamos este texto, apresentando o plano de atividades do projeto, que dividido em duas etapas: teórica e prática. Considera-se a importância de cada uma dessas etapas, no sentido de uma complementar a outra.

Noções (Teoria):

- A história do Documentário/ Cinema (mundial e brasileiro);
- Oficinas diversas (direção, roteiro, fotografia, etc.);
- Projeção de filmes.

Prática:

- Oficinas;
- Planejamento das equipes;
- Criação de blog e/perfil no Instagram (permeando todo o processo);
- Mostra de documentários.

O objetivo é fazer com que o aluno conheça todas as etapas de produção de um documentário. Sabendo das dificuldades encontradas por conta do tempo, daremos prioridades nas oficinas de produção e edição de curtas, bem como na História do Cinema Brasileiro. Esperamos, assim, propiciar o protagonismo juvenil dos estudantes com a produção de documentários.

Palavras-chave: Protagonismo Juvenil; Juventudes; Novo Ensino Médio; Documentários.

REFERÊNCIAS

AMBRÓS, A.; BREU, R. P. **10 ideas claves:** Educar en medios de comunicación. La educación mediática. Barcelona: Graó, 2011. 230p.

BERGALA, A. **La hipótese del cine:** Pequeño tratado sobre La transmisión del cine em La escuela y fuera de Ella. Barcelona: Cahiers Du Cinéma, 2007.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Brasília: MEC, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf> Acesso em: 13 jun. 2022.

MIGUEL, R. de. Concepciones y usos de las tecnologías de información geográfica en las aulas de ciencias sociales. **Iber, Didáctica de las ciencias sociales, geografía e historia**, [S.l.], n. 76, p. 29, abr. 2013.

MORÁN, J. M. O vídeo na sala de aula. **Comunicação & Educação**, n. 2, p. 27-35, 1995.

NAVARRO, Y. O impacto da criação de um grupo de pesquisa em uma escola de ensino básico: uma reflexão a partir do NEPAG no colégio Pedro II. **Didáctica Geográfica**, n. 15, p. 61-78, 2014.

PRENSKY, M. Digital Natives, Digital Immigrants. **On the Horizon**, v. 9, n. 5, october 2001. Disponível em: <<http://www.marcprensky.com/writing/Prensky%20%20Digital%20Natives,%20Digital%20Immigrants%20-%20Part1.pdf>> Acesso em: 11 jul. 2013.